

TESTE DE PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICO: EFEITOS SOCIAIS CAUSADOS PELA VARIACÃO DO PORTUGUÊS ANGOLANO FALADO PELA ETNIA OVIMBUNDU¹

Madalena Lima Domingos²

RESUMO

O português falado em Angola apresenta características específicas que o diferenciam do português de Portugal e de outros países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), sendo denominado, portanto, de português angolano. Ainda assim, essa variedade não é homogênea, haja vista que existem particularidades fonéticas, lexicais e gramaticais que variam de região para região de Angola. Entretanto, a variedade falada em Luanda tende a ser considerada como a mais prestigiosa em termos de norma linguística e as demais são consideradas inferiores e sofrem preconceito linguístico. De forma geral, a variedade dos “sulanos”, isto é, dos Ovimbundu – localizados nas províncias do Huambo, Benguela e Bié – costuma sofrer muito preconceito das pessoas que vivem na capital Luanda. Nesse sentido, o problema de pesquisa que se apresenta é: como comprovar a existência do preconceito linguístico aos sulanos? A partir desse questionamento, o objetivo principal desta pesquisa é compreender se, realmente, a percepção de que há preconceito linguístico aos sulanos é válida. Em se comprovando essa afirmação, os objetivos específicos decorrentes são: 1) quais são os motivadores sociais subjacentes ao preconceito linguístico; 2) entender em quais momentos na esfera social há estranhamento no português falado pelos Ovimbundu dentro da capital; 3) compreender o cenário sociolinguístico angolano que gera, como consequência, o preconceito linguístico. Para cumprir os objetivos desta pesquisa, optou-se por um caminho metodológico que envolve um teste de percepção sociolinguístico – utilizando três vídeos de influenciadores angolanos, cujas falas são típicas de Luanda e de pessoas pertencentes ao grupo étnico Ovimbundu – realizado com oito estudantes angolanos da UNILAB (Campus dos Malês). Os resultados evidenciaram que o preconceito com as falas de Ovimbundu realmente ocorre e é associado ao preconceito social direcionado a esse grupo étnico.

Palavras-chave: língua portuguesa - Angola; Ovimbundu (povo africano); linguagens e línguas - variação; preconceito linguístico.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sabrina Garcia Rodrigues Balsalobre.

² Discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da UNILAB.

ULANDU WUPANGE

Olo porutugêsi okuti vatanga kwa Angola vatêla ovindeko vyavo vyomanu, vyokutala k'olo porutugêsi y'Oputuali ni vyapolo vyat'Okulisaweni ya CPLP, kene okuti vatangwa "porutugêsi ya Angola". Noke, olombembwa vyaye kavali v'ombembwa yimo kaka, p'ongwi vakwava ovipandeko vyokulivala, vyokulonga ni vyokutona vyolombembwa k'okati k'ombala yanye ya Angola. Ekwete, olombembwa itangwa k'O luanda itala okuvangisiwa vali okulitima p'okati yalombembwa, k'ovimwe vitangwa vyolombembwa vyomoko vihupuluka ni okuatelwa kovina vyovilingu. K'ombembwa, olombembwa vyavatunga "osalano", okuti Ovimbundu – vatunga koviprovincia vya Owambo, Ombaka ni vyé – vatunda okukwata epandeko lyolombembwa k'ovandu vatunga k'O luanda. Okwatisa eyi, etumbulo lyapepyelo lyetu likwati okuti: olinga vapopya vali okuti olopandeko lyolombembwa lya "osalano" li longolola? Ekwete eyi, etumbo ly'oseke lyolupopyo lwetu vali okulilongisisa olinga kweli olowete yelombembwa vyo "osalano" viheka. Okwatisa olye vali olondunge ly'oseke lyomoko vali:ovilonga vyovandu vitivîla ovikombo vyolopandeko lyolombembwa; okulonga oco k'ovakwetu vatunga k'O luanda vakwava epanda lyokutala k'olombembwa yovimbundu; okulitokola ocilongo c'ombembwa ya Angola eyi ihalâla epandeko lyolombembwa. Okuliteya olondunge olu, vatokisiwa omoko yocilongo-sociolinguístico – okutala k'ovidéyo vitatu vyovakulwa Angola, vakupopya olombembwa yaLuanda ni yaovimbundu – vatongola kovana valongo varye vali valu k'UNILAB (Campus dos Malês). Ovita vyatêla okuti epandeko lyalombembwa yovimbundu kweli tchalipo, vali okuti ovandu vatêla okukwata ovimbundu p'okati kovikombo vyovandu.

ABSTRACT

Angolan Portuguese has specific characteristics that differentiate it from the Portuguese spoken in Portugal and other CPLP (Community of Portuguese-speaking Countries) countries, thus being referred to as Angolan Portuguese. However, this variety is not homogeneous, given the existence of phonetic, lexical, and grammatical particularities that vary across different regions of Angola. Nevertheless, the variety spoken in Luanda tends to be considered the most prestigious in terms of linguistic norm, while other varieties are considered inferior and suffer linguistic prejudice. In general, the variety spoken by the "Sulanos", i.e., the Ovimbundu people - located in the provinces of Huambo, Benguela, and Bié - often face significant prejudice from people living in the capital, Luanda. In this context, the research problem is: how to demonstrate the existence of linguistic prejudice against the Sulanos? The main objective of this research is to understand whether the perception of linguistic prejudice against the Sulanos is valid. If this is confirmed, the specific objectives are: 1) to identify the social motivators underlying linguistic prejudice; 2) to understand in which social situations there is discomfort with the Portuguese spoken by the Ovimbundu within the capital; 3) to comprehend the Angolan sociolinguistic context that generates linguistic prejudice as a consequence. To achieve these objectives, a

sociolinguistic perception test was conducted, using three videos of Angolan influencers whose speech is typical of Luanda and people belonging to the Ovimbundu ethnic group, with eight Angolan students from UNILAB (Malês Campus). The results showed that prejudice against Ovimbundu speech does occur and is associated with social prejudice directed at this ethnic group.

Keywords: Portuguese language – Angola; Ovimbundu (African people); languages and varieties – variation; linguistic prejudice.

1 INTRODUÇÃO

O português falado em Angola apresenta características específicas que o diferenciam do português de Portugal, apesar de que ainda é notório o sotaque e a forma de falar dos portugueses em alguns angolanos. Várias são as palavras oriundas das línguas nacionais que somente são encontradas no português angolano, conferindo-lhe, assim, uma característica própria – denominada de **português angolano**. Ainda assim, o português angolano não é homogêneo, haja vista que existem particularidades fonéticas, lexicais e gramaticais que variam de região para região. Por exemplo, em Cabinda, o português está mais influenciado pelas línguas locais como o kikongo e fiote, implicando na pronúncia e no vocabulário. Ademais, expressões idiomáticas locais são comuns, poisos cabindenses tendem a usar uma pronúncia do “r” característica.

Por sua vez, nas Lundas, a influência do Tchokwe e de outras línguas da região adicionam características particulares ao português falado naqueles locais. Já no Cunene, a influência das línguas ovambo e de outras línguas da região também molda a maneira como o português é falado, com variações no sotaque e na estrutura das frases. No Uíge, a língua kikongo tem influenciado bastante na variação do português falado.

Ao decorrer da minha adolescência, eu me deslocava de Luanda para a província do Kwanza Sul. E não conseguia perceber o porquê de uma determinada região tende a falar o português com uma variação linguística diferente da outra? Tanto é que, quando viesse um nato do lado sul do país e tivesse um contato linguístico comigo e com os meus irmãos, nos mentíamos a rir sem se importar sequer com o constrangimento da pessoa. Cheguei ao Brasil, ingressei a UNILAB, fazendo o curso de Letras e língua portuguesa, foi assim que me deparei com conteúdos que me despertaram e hoje sei ao certo como aquelas ações se denominam preconceito linguístico, e como tem afetado e oprimido bastante as pessoas que expressam uma

variante linguística diferente da nossa. Ontem fui preconceituosa com os povos Ovimbundu e não só, mas hoje, com entendimento sobre variação linguística, declaro que um falante pode ser diferente do outro, porém essa variedade, não torna uma língua melhor que a outra. Razão pela qual, escolhi esse tema com intuito de entender como a variedade linguística em Angola, como debate, tem sido invisibilizados ao ponto de acharmos que falar um português com sotaque diferente por influência da língua étnica de um determinado povo é errado. O presente artigo se justifica, para além do senso nacional, também por conter uma relevância social no contexto angolano visto que é um assunto ainda não recorrente nas academias, assim como socialmente.

Os Ovimbundu são uma etnia que ocupa o planalto central de Angola e a faixa costeira adjacente, tendo uma região compreendida pelas províncias do Huambo, Bié e Benguela. Tem como língua nativa o umbundu, sendo a segunda língua mais falada no país, com aproximadamente 17,1% de falantes. Eles constituem hoje a metade da terça parte da população angolana de 36,6 milhões, deste modo, com 29,1% da população total segundo o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2024).

Considerando que eu sou angolana, da cidade de Luanda, sinto que o principal alvo do preconceito linguístico são pessoas da etnia Ovimbundu, os chamados “sulanos”³. Nesse sentido, o problema de pesquisa que se apresenta é: como comprovar a existência do preconceito linguístico aos Ovimbundu?

A partir desse questionamento, o objetivo principal desta pesquisa é compreender se, realmente, a percepção de que há preconceito linguístico aos Ovimbundu é válida. Em se comprovando essa afirmação, os objetivos específicos decorrentes são: 1) quais são os motivadores sociais subjacentes ao preconceito linguístico; 2) entender em quais momentos na esfera social há estranhamento no português falado pelos Ovimbundu dentro da capital; 3) compreender o cenário sociolinguístico angolano que gera, como consequência, o preconceito linguístico.

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, optou-se por um caminho metodológico que envolve um teste de percepção sociolinguístico. Essa estratégia foi inicialmente utilizada por Willian Labov, na obra *Padrões sociolinguísticos* (2008), e tem influenciado muitos/as pesquisadores/as contemporâneos, tal como Livia Oushiro, no artigo intitulado “Avaliações e percepções sociolinguísticas”, publicado no ano de 2021. Assim sendo, por meio desse método - o qual será mais bem descrito na terceira seção - estudantes angolanos da Universidade da

³ “Sulanos” é um termo usado para os povos, cuja região ou província localiza-se ao sul de Luanda, a capital de Angola.

Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB / Campus dos Malês) foram convidados a assistirem a três vídeos de influenciadores angolanos, sendo dois falantes da etnia Ovimbundu e um advindo da cidade de Luanda. Logo após, algumas perguntas foram realizadas aos entrevistados, a fim de que expressassem a sua percepção sobre a fala dos influenciadores. Para a realização desse teste de percepção, algumas variáveis sociais dos entrevistados foram controladas, tais como o fato de serem veteranos ou calouros e sua origem em Angola. Os resultados apontaram para o fato de que quanto mais próximo de Luanda for o entrevistado, mais ele avaliará negativamente os vídeos dos influenciadores Ovimbundu.

Desse modo, o presente artigo será organizado em seções. Para além desta introdução, a seção número 02 é dedicada a breves reflexões sociolinguísticas sobre o português angolano, desde a colonização portuguesa à oficialização do português em Angola. A seção número 03 é dedicada a detalhar os caminhos metodológicos da pesquisa, isto é, o teste de avaliação e percepção e a sua realização. Já a seção número 04 analisa e interpreta os dados dos testes de avaliação de entrevistados de Luanda e de províncias próximas, dos entrevistados mais distantes da capital, também das províncias comumente habitadas por Ovimbundu. Após isso, encontram-se as considerações finais e as referências.

2 BREVES REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE O PORTUGUÊS ANGOLANO

A presente seção propõe, brevemente, refletir sobre a colonização portuguesa, a qual apresenta, como consequência contemporânea, a oficialização do português no país. É importante destacar a complexa dinâmica linguística em Angola, considerando a coexistência de várias línguas nacionais, mas tendo o português como a única língua oficial. Os objetivos, portanto, são o de entender como o multilinguismo influencia o português falado no país e o de refletir sobre como a norma-prescritiva e a variação linguística afetam o processo de ensino e aprendizado da língua portuguesa. Ao alcançar esses objetivos, essa seção busca contribuir para uma compreensão mais profunda da realidade linguística angolana e promover uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação às variações linguísticas presentes no país.

2.1 COLONIZAÇÃO PORTUGUESA: OFICIALIZAÇÃO DO PORTUGUÊS EM ANGOLA

A colonização portuguesa em Angola teve início no século XV, quando os

exploradores portugueses, atraídos pelas novas terras e suas riquezas, começaram a estabelecer feitorias ao longo da costa africana. Nesse contexto, “o primeiro contato dos portugueses com as sociedades africanas subsaarianas ocorreu em 1415 após a tomada de Ceuta, seguido de explorações para o oeste e sul da costa africana” (Santos, 2018, p. 27). A partir de 1575, com a fundação de Luanda por Paulo Dias de Novais (Caldeira, 2014; Correia, 2012), os portugueses consolidaram seu controle sobre a região, estabelecendo um sistema colonial que alterou profundamente a estrutura social, econômica e cultural angolana. A lógica foi a da exploração do território, a partir da extração de recursos naturais, como o açúcar e mais tarde o café, os quais foram os impulsionadores da colonização.

O processo de colonização, entretanto, não se limitou apenas à ocupação econômica. A língua portuguesa começou a se espalhar entre as populações locais como resultado da administração colonial. Durante o período colonial, o português foi promovido como língua da administração, da educação e da cultura, substituindo em muitos aspectos as línguas nativas. Isso foi reforçado por políticas que incentivaram a assimilação cultural, a partir da qual os angolanos eram encorajados a adotar hábitos e costumes europeus, incluindo a língua portuguesa. “[...] No ambiente escolar formal, havia um público que aprendia a língua do colono pela alfabetização direta em português, interrompendo os seus hábitos e tradições linguísticos” (Santos, 2018, p. 32).

No entanto, esse processo não foi uniforme e encontrou resistência. Muitos grupos étnicos e comunidades locais mantiveram suas línguas e culturas, resultando em uma coexistência de tradições. Apesar disso, o impacto do colonialismo foi significativo, e o português acabou se estabelecendo como a língua franca de Angola. A relação entre Portugal e Angola se intensificou ao longo dos séculos seguintes, levando à oficialização do português como língua dominante no território, unindo diversas etnias e grupos sob uma mesma língua, especialmente nas áreas urbanas:

No século XX, a língua portuguesa torna-se a mais falada em Angola por conta do aumento do número de portugueses no país e, também, por conta do desenvolvimento dos centros urbanos angolanos, resultado do cenário que já se desenhava no século XIX como plano de dominação e colonização efetiva do interior do território. (Santos, 2018, p. 31).

Após a independência em 1975, o português continuou a ser a língua oficial do país, refletindo seu papel como um legado da colonização, tornando assim a língua um dos elementos centrais da identidade nacional dos angolanos. Segundo Santos (2018, p. 25), “[...] o português falado em Angola também caminha para um reconhecimento de uma variedade particular com

Ademais, complexificando o cenário linguístico, em Angola, além das línguas étnicas angolanas, há várias línguas oriundas de diversos países, que, por causa da guerra, chegaram ao nosso país trazidas por povos vizinhos. Portanto, Angola constitui-se como uma nação plurilíngue, na qual coexistem várias línguas africanas bantu e não bantu. “O grupo linguístico bantu constitui o grande contingente populacional de Angola e reparte-se por grupos linguísticos que variam em força numérica e que acentuam a existência de relações entre etnia, língua e cultura” (Santos, 2018, p. 30). Nos últimos anos, verifica-se também uma grande influência do Português do Brasil, decorrente do sucesso das várias telenovelas brasileiras apresentadas pela televisão angolana

Após a independência, a língua portuguesa continuou a ser um elemento unificador em um país com mais de 20 línguas nacionais, como o umbundu, o kimbundu, kikongo, chokwe, entre outras. Em Angola, segundo Kialanda (2020, p. 11), “há cerca de 46 línguas faladas no território sendo a maioria delas do grupo linguístico bantu, ao lado da língua portuguesa que foi introduzida a partir do contexto das Grandes Navegações, séculos XV e XVI e o empreendimento colonial português”. Segundo Chicuna (2020), durante a direção dos portugueses em Angola, a língua portuguesa foi um dos canais de contato entre o colonizador e os povos nativos angolanos falantes de línguas africanas. Os contatos dos portugueses com esses povos deixaram várias marcas nas línguas nativas, assim como a maneira de pronunciar certas palavras, tornando o sotaque variado quando comparado com o da capital.

Ao se comparar, por exemplo, as variedades regionais do português angolanos, em termos fonéticos, lexicais e gramaticais, observa-se que, em Cabinda, o português é mais influenciado pelas línguas kikongo e fiote. A pronúncia e o vocabulário podem variar, e expressões idiomáticas locais são comuns. Lunda, por sua vez, a maior influência é da língua tchokwe e de outras línguas da região, as quais adicionam características particulares ao português ali falado. Já no Cunene, a influência das línguas ovambo e de outras línguas da região também moldam a maneira como o português é falado, com variações no sotaque e na estrutura das frases. E o mesmo ocorre nos falantes de outras províncias do país.

Grande parte da população das capitais das províncias de Angola se comunica em português em contextos formais e informais, e a língua é um símbolo de poder e de integração social. Contudo, é importante notar que comunidades em áreas rurais ainda valorizam muito suas línguas nativas.

Na maioria das instituições, o português é a língua de instrução e é amplamente utilizado pela mídia. Isso contribui para a sua difusão e a formação de uma norma linguística que é reconhecida em todo o país. Apesar de o português ser uma língua unificadora, a sua

predominância também traz desafios para a preservação das línguas locais. Há um esforço crescente para valorizar e revitalizar as culturas e idiomas tradicionais, que estão em risco de diminuição.

O português falado em Angola, de Cabinda a Cunene, é um reflexo do mosaico cultural do país. Ele não apenas serve como meio de comunicação, mas também é um vetor de identidade e de história. A convivência entre o português e as línguas locais é um tema complexo que ilustra a luta entre tradição e modernidade, e desenha um panorama linguístico em constante evolução. Entretanto, defende-se a hipótese de que o contato da língua portuguesa com as línguas nacionais, influenciou, de certa forma, o agravamento do preconceito linguístico em Angola. No presente estudo, apresenta-se o grupo étnico Ovimbundu, cuja língua principal é umbundo, como alvo do preconceito linguístico em Luanda, capital de Angola.

2.3 OVIMBUNDU

Habitando o planalto central angolano e a faixa litorânea adjacente, os Ovimbundu se localizam principalmente nas províncias do Huambo, Bié e Benguela. O umbundo é seu idioma nativo e ocupa a posição de segunda língua mais falada em Angola, reunindo aproximadamente 17,1% de falantes. Segundo o censo de 2024 do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), esse grupo étnico compõe 29,1% da população nacional, o que equivale a metade de um terço dos angolanos com 36,6 milhões. Para representação geográfica, fizemos um recorte do mapa de Angola, demonstrando a região territorial dos povos Ovimbundu, que são o nosso alvo de estudo.

Figura 2 - Principais províncias angolanas dos Ovimbundu



Fonte: PAINTMAPS (Com adaptações)⁵

⁵ PAINTMAPS. Disponível em: <https://paintmaps.com/pt/mapas-em-branco/10/Angola-mapa-em-branco>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Segundo Martins e Florêncio (2025), a região planáltica é caracterizada por chuvas abundantes no período quente, com máxima pluviosidade em abril, e raras chuvas no cacimbo, o que, aliado ao relevo e clima, permite uma variedade paisagística com diferentes tipos de vegetação e um habitat favorável ao desenvolvimento de diversas espécies animais terrestres e aquáticas.

Em termos históricos, Chissola (2013) defende que a organização social desse povo se dava em reinos:

Entre 1500 e 1700, o povo de Ovimbundu emigrou do norte e do este de Angola para a Meseta de Benguela. Eles não consolidaram os seus reinos nem seus reis afirmaram sua soberania em cima da Meseta, até ao século 18, quando surgiram 22 reinos. Treze dos reinos, incluso Bié, Bailundu, e Ciyaka surgiram como entidades poderosas e os Ovimbundu adquiriram reputação de serem os comerciantes mais exigentes do interior de Angola” (Chissola, 2013, s/p).

Ainda segundo Chissola (2013), depois que os portugueses conquistaram a maioria dos estados de Ovimbundu, em finais do século 19, as autoridades coloniais portuguesas prenderam os reis de Ovimbundu directa ou indirectamente". Durante a fixação dos portugueses em Benguela, os Ovimbundu viviam da agricultura, da caça e da criação de gado bovino e de pequenos animais. Ao passar dos tempos, com um avanço no comércio, lhes foi exigido o pagamento de impostos, no início do século XX, pelo sistema colonial português. Assim, eles viraram-se sistematicamente para a agricultura de produtos comerciáveis, particularmente o milho.

Ao longo do século XX e XXI, esse povo foi (tem sido) muito afetado tanto pela guerra anticolonial, quanto pela guerra civil angolana. Com o passar do tempo, cessaram-se as guerras e chegou a paz. Ainda assim, muitos Ovimbundu precisaram fugir do Planalto Central de Angola, principalmente, para o sul do país, e não retornaram mais para seu local de origem:

Alcançada a paz, uma parte dos ovimbundos refugiados nas cidades regressou para as suas terras de origem, enquanto a outra parte, possivelmente mais da metade, preferiu ficar nas áreas urbanas. No Planalto Central, regista-se a reconstrução, ainda em curso, das cidades do Huambo e Cuíto, e a recomposição, algumas vezes em moldes diferentes, da sociedade rural (Wikimedia Foundation, 2025).

Como todo e qualquer grupo étnico, os Ovimbundu também tem uma organização social desde a estrutura do povo, ritos, tradições, cultura e a educação que prima na oralidade ensinando o indivíduo para viver e conviver na sociedade, assim como descreve Ngoma (2023):

A educação nativa ultrapassa o paradigma de ler e escrever, interpretação dos fenômenos sociais". Nessa perspectiva de educação, a intenção é equipar os membros com habilidades mais do que suficientes, ensinando-os a construir suas casas, explorar a terra e o campo, pescar, caçar, cultivar, educar os filhos, respeitar todos, cuidar dos animais, praticar a higiene, honrar os mortos e os vivos, prestar culto e homenagem aos ancestrais, viver em solidariedade, estar unido, respeitar os símbolos e a paz, rejeitar a guerra, ser grato pelo dom da vida, dar e doar-se, ser hospitaleiro, compreender a etnomatemática, preservar a cultura, a natureza e tudo o que os cerca, priorizar a alteridade, conhecer a filosofia e a etnohistória, dominar a moral e a ética e todos os valores axiológicos aceitos socialmente (Ngoma, 2023, p. 65).

Diante dessa perspectiva, a educação dos Ovimbundu prioriza a transmissão de conhecimentos e habilidades que são essenciais para vida cotidiana, além disso, ela destaca a importância de preservar a cultura e a identidade da comunidade e de priorizar a união entre os membros e o respeito. Sinceramente, os Ovimbundu, é um dos povos mais respeitosos de Angola. E esse respeito reflete numa educação que busca também formar indivíduos completos e responsáveis, capazes de contribuir para o bem-estar da comunidade. A partir dessas reflexões, a seguinte seção terá o propósito de descrever os caminhos metodológicos da nossa pesquisa.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar se os Ovimbundu realmente representam um grupo étnico que sofre preconceito linguístico em Angola, alguns caminhos metodológicos foram adotados pela presente pesquisa científica. Além de embasamento teórico a partir de um referencial bibliográfico e de consulta a mapas nos sites oficiais – haja vista que em 01 de janeiro de 2025, o país passou de 18 para 21 províncias, em função de sua nova organização administrativa do território –, adotou-se o teste de avaliação e de percepção sociolinguístico como principal método para avaliar o preconceito linguístico. Ademais, foram utilizados vídeos de influenciadores digitais, a fim de que estudantes angolanos que se encontram na UNILAB pudessem demonstrar a sua percepção linguística acerca de diferentes variedades. Desse modo, o propósito fundamental da presente seção é a de detalhar essa metodologia utilizada.

3.1 TESTE DE AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO

Segundo Oushiro (2021), o preconceito linguístico deve ser combatido considerando os resultados de estudos sobre avaliações e percepções sociais, que evidenciam as associações

automáticas feitas por ouvintes entre usos linguísticos e significados sociais. Além disso, ela reforça que um bom método de pesquisa deve evitar cair em achismos, sendo necessário aplicar procedimentos bem definidos, replicáveis, abrangentes e com resultados quantificáveis (Oushiro, 2021). Essas ações auxiliam a compreender a diversidade linguística e a combater o preconceito de forma mais efetiva.

Oushiro (2021) discute o preconceito linguístico à luz dos estudos sobre atitudes linguísticas. Ela argumenta que entre falantes não há consenso sobre formas linguísticas "corretas" ou "incorretas", mas sim sobre quais são consideradas "mais bonitas" ou "mais feias". Essa percepção está ligada a noções de prestígio, muitas vezes associadas à norma culta. Bagno (2002) afirma que o preconceito linguístico é a não aceitação das variedades linguísticas consideradas muita das vezes de menor prestígio. Apesar disso, o julgamento comum é influenciado por avaliações sociais dos falantes, uma vez que características como a concordância verbal ou o uso de pronomes podem ser vistas como marcas de educação ou da falta dela:

Nos estudos linguísticos, é consenso que não existem formas “corretas” ou “incorretas”, “mais bonitas” ou “mais feias”, “agradáveis” ou “desagradáveis”. No entanto, tal não é o senso comum: de modo geral, é comum ouvir avaliações e comentários a respeito de certos usos linguísticos, por exemplo, o uso de concordância nominal ou verbal não padrão (como “os menino gosta”) como algo a ser higienizado da fala e da escrita das pessoas, missão atribuída principalmente aos professores de português (Oushiro, 2021, p. 319).

De acordo com Silva e Aguilera (2014), as atitudes linguísticas dos indivíduos são influenciadas pelas crenças e valores impregnados pela sociedade, levando a reações de aceitação ou rejeição, preconceito ou prestígio, correção ou erro. Para lidar com essas questões, é fundamental que o falante desenvolva consciência linguística, reconhecendo as diferenças e nuances da língua e de suas variedades, bem como a carga social associada a elas. Isso significa que é crucial que as pessoas estejam cientes das diferenças linguísticas e das implicações sociais associadas a elas.

Em conformidade com Oushiro (2021), o teste de percepção é uma técnica histórica da sociolinguística sendo primeiro usado por Labov, razão pelo qual, Oushiro debate e usa a metodologia do teste de percepção sociolinguística, inserindo argumentos conectados a Labov. De forma geral, os estudos sobre avaliações e percepções linguísticas podem contribuir significativamente para a compreensão dos mecanismos que levam ao preconceito linguístico, ao identificar os significados sociais atribuídos a variantes e variáveis linguísticas. Além disso, esses estudos podem informar estratégias para combater o preconceito linguístico e promover

um ensino de línguas que valorize a diversidade linguística. Nessa senda, a próxima seção é dedicada a demonstrar como ocorreu a realização do teste de percepção da presente pesquisa.

3.2 REALIZAÇÃO DOS TESTES DE PERCEPÇÃO

Inicialmente, selecionamos três (03) vídeos obtidos em uma das redes sociais muito utilizadas por jovens angolanos, denominada Tik Tok. Trata-se de vídeos de influenciadores de Angola, dos quais em dois aparecem falantes da variedade pejorativamente chamada de “sulanos” e uma falante proveniente da cidade de Luanda (a capital do país). Para se ter acesso aos vídeos, é possível observar as figuras de 03 a 08.

Figura 3 - Vídeo da influenciadora

Luana Guedes



Fonte: Tik Tok⁶

Figura 4 - QR Code para assistir

ao vídeo de Luana Guedes



Fonte: própria

Figura 5 - Vídeo da influenciadora

Euclenia Kelly



Fonte: Tik Tok⁷

Figura 6 - QR Code para o vídeo

de Euclenia Kelly



Fonte: própria

⁶ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAtoqPPm/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

⁷ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAtoBtc2/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Figura 7 - Vídeo do Influenciador Fernandes_Fe

Fonte: Tik Tok ⁸

Figura 8 - QR Code para o vídeo de Fernandes_Fe

Fonte: própria

Assim sendo, para a realização do teste de percepção, foi estabelecido um roteiro prévio, a fim de que de todos os informantes fossem obtidas as mesmas informações sociolinguísticas. Portanto, além de perguntas objetivas que iniciaram o contato com os informantes, foram-lhes propostas questões acerca de suas percepções sobre os três vídeos. Segue-se o roteiro das perguntas:

Figura 9 - Roteiro de perguntas

Nome:

Curso e semestre na Unilab?

Onde você nasceu e cresceu?

De onde são os seus pais?

Temos aqui 3 vídeos, assista-os de forma sequencial, e diga: O que você achou do vídeo? Por quê?

Você percebeu alguma diferença na forma de falar dessas pessoas? O quê? Por quê?

Tem alguma preferência por um desses vídeos? Por quê?

Fonte: própria.

⁸ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAtoxmQH/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

É importante salientar que, antes de iniciarmos o teste de percepção, apresentamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a cada um dos entrevistados para comprovar que os dados pessoais, como nome, serão sigilosos e que a sua identificação será feita de forma implícita, revelando apenas o sexo e a faixa etária. Ademais, foi enfatizado que, durante todos os momentos da pesquisa, eles poderiam ter acesso às informações, bem como aos resultados.

No que se refere aos informantes da pesquisa, houve seis do sexo masculino e dois do sexo feminino, totalizando oito participantes. De forma geral, todos estão na faixa etária dos vinte anos, têm nacionalidade angolana e cursam do primeiro ao quarto semestre de um curso de graduação da UNILAB, Campus dos Malês. Foi-nos importante controlar o fato de serem novatos ou veteranos, haja vista que, previamente, levantamos a hipótese de que conforme avançam os semestres na UNILAB, os estudantes tornam-se mais sensíveis ao debate das implicações do colonialismo português nos PALOP. Ademais, outra informação controlada no teste refere-se à origem dos entrevistados, justamente pela hipótese prévia de que a origem interfere no preconceito linguístico. Esses entrevistados são mais detalhadamente apresentados por meio do quadro número 1:

Quadro 1 - Apresentação da amostra de entrevistados

Entrevistado/a	Sexo	Curso	Período em que se encontra na UNILAB	Local de vivência em Angola
DW	feminino	Relações internacionais	4º semestre	Cabinda
JD	masculino	História	2º semestre	Bengo
PJ	masculino	BHU	1º semestre	Luanda
PV	masculino	História	1º semestre	Benguela
FU	masculino	Relações Internacionais	1º semestre	Huambo
EV	feminino	BHU	1º semestre	Luanda
CP	masculino	Letras e Língua portuguesa	1º semestre	Luanda
DV	masculino	História	4º semestre	Zaire

Fonte: própria.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio por meio de um smartphone. Após o término das abordagens com os estudantes da UNILAB (Campus dos Malês), as entrevistas foram transcritas por meio de uma ferramenta digital online e gratuita disponível no site clipto.com⁹. A partir das transcrições, foi possível analisar os resultados do teste de percepção à luz dos referenciais teóricos e metodológicos que embasaram essa pesquisa científica.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Por meio da presente seção, pretende-se analisar os resultados do teste de percepção realizado por oito estudantes angolanos de diferentes cursos de graduação da UNILAB (Campus dos Malês), após assistirem a três vídeos de influenciadores angolanos do Tiktok. Para a realização dessas análises, estive em causa observar se efetivamente há algum tipo de avaliação negativa referente à fala em língua portuguesa quando ela está associada a falante do grupo étnico Ovimbundu. A partir dos resultados da análise, observou-se um comportamento semelhante em função da origem do entrevistado.

4.1 TESTE DE AVALIAÇÃO DE ENTREVISTADOS DE LUANDA E DE PROVÍNCIAS PRÓXIMAS

Inicialmente, quero deixar a par que a nossa amostra de entrevistados é pequena, desse modo, quaisquer generalizações são inadequadas, haja vista que os resultados aqui apontados serão apenas referentes à quantidade da amostra e não à totalidade do grupo étnico Ovimbundu. Reconheço que a complexidade é bem maior, haja vista que há diferenças entre Ovimbundu da capital e do interior. Portanto, limito-me a fazer referências apenas aos Ovimbundu entrevistados tratados nessa pesquisa.

Os resultados do teste de percepção evidenciaram semelhanças nas respostas dos entrevistados de Luanda (capital do país) e da província do Bengo. Isso se justifica pela grande proximidade entre essas duas províncias, tal como demonstra a figura 10.

⁹ Clipto.com. Disponível em: <https://www.clipto.com/pt/transcribe-audio-video-to-text-free?msclkid=737e40416c9318bdf18d2888d4d4249a>. Acesso em 16 de setembro de 2025.

Figura 10 - Luanda e Bengo em destaque

Fonte: Governo de Angola¹⁰

Antes de mais, gostaríamos de situar Luanda e Bengo, ambas as províncias são vizinhas localizadas na região centro norte do país. Luanda é a capital do país com uma população de cerca de 8,6 milhões de habitantes, segundo INE (2024), sendo a mais populosa de Angola e dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), e pela sua extensão, é um dos maiores países de África. Fundada aos 25 de janeiro de 1576, por Paulo Dias de Novais (Caldeira, 2014; Correia, 2012). Tem uma extensão de 1.645 a 1.655 km (INE, 2024). Trata-se de uma cidade das oportunidades e dos negócios, resumindo-se a centro econômico e cultural do país. Ademais, considera-se uma das cidades mais caras de Angola. O povo luandense condecora-se como os mais privilegiados por viverem na capital e geralmente superiorizam-se perante as de outras províncias, uma vez que a língua predominante é o português, apesar de que também seja falado o kimbundu, sendo a língua nativa dos Ambundu que aí habitam. É importante destacar que há atualmente a língua Lingala, proveniente da República Democrática do Congo, igualmente muito falada em Luanda.

Já o Bengo é uma província pequena, com uma área de 20.310 km (Angola, 2025), localizada também no centro norte do país, tendo o kimbundu e o kikongo como principais línguas nativas, faladas na região. Conta com uma população de 716,335 de habitantes, segundo o INE (2024), sendo a sétima província menos povoada de Angola, constituída por apenas seis municípios.

Do total de oito entrevistados em nossa pesquisa, três eram oriundos da capital Luanda e um era advindo do Bengo. No momento em que as entrevistas foram feitas, a fim de se realizar

¹⁰ Governo de Angola. Disponível em: <https://mat.gov.ao/web/mapa-de-angola>. Acesso em: 10 nov. 2025.

o teste de percepção, todos eram estudantes novatos, recém-chegados. Nesse sentido, entendemos que eles ainda eram desconhecentes das propostas decoloniais do ensino da UNILAB. Abaixo serão comentados os resultados principais encontrados no teste de percepção desses três alunos.

Como já mencionado, os participantes da entrevista foram convidados a assistir a três vídeos de influenciadores angolanos, sendo que uma era falante da variedade luandense do português angolano e os outros dois falavam português notadamente com sotaque característico do grupo étnico Ovimbundu. No que se refere aos vídeos dos dois influenciadores com sotaque associado aos Ovimbundu, os três estudantes das províncias de Luanda e do Bengo fizeram avaliações que envolveram julgamento de valor depreciativo, como se nota nos depoimentos abaixo:

JD: “Parece que ela não sabe falar o português.”

PJ: “Eles têm esta debilidade na fala.”

CP: “Tem aí uma certa dificuldade de pronunciar melhor.”

Esses depoimentos demonstram que existe uma forma padrão esperada de se falar o português em Angola. Quando esse padrão esperado não é seguido, consideram-se os falantes como pessoas que não sabem falar o português, independentemente de compreenderem toda a mensagem que estiver sendo passada.

Além dessa percepção de que os influenciadores associados ao grupo étnico Ovimbundu não sabem falar o português, eles foram associados à baixa escolaridade. Essa afirmação pode ser demonstrada por meio de depoimentos colhidos a partir do teste de percepção dos três entrevistados de Luanda e do Bengo:

JD: “Não didático.”

PJ: “Eles têm um tipo de língua com uma forma de se comunicar não no padrão normal de uma sociedade, mas sim para um específico grupo de pessoas que muitas vezes têm o baixo nível de escolaridade.”

JD: “Não teve ou pode até ter tido um ensino médio né, mas concernente a língua teve uma formação limitada.”

Percebe-se que o sotaque e a forma de falar dos chamados “sulanos” é associado com a baixa escolaridade, ou seja, com um nível acadêmico muito baixo só por eles terem uma forma de falar diferente dos falantes da capital. Desse modo, eles são claramente classificados como inferiores e associados a uma classe social de menor prestígio. É impossível, em Luanda,

encontrar pessoas com sotaque associado ao grupo Ovimbundu, trabalhando em instituições públicas ou privadas (bancos, recepção de hospitais e hotéis, hipermercados, entre outras). Por isso, muitos deles, quando saem das suas terras natal em direção à capital em busca de melhores condições de vida, submetem-se a trabalhos informais, tais como: fabricar blocos, vender sacos, transportar mercadorias com carro de mão. Como esses serviços são associados à baixa escolaridade, eles são vítimas de vários insultos como “bagageiro”, “tapados”, “atrasados”, “benguelenses/sulanos de merda”. Comentários como esses deixam bem claro o menosprezo aos Ovimbundu, como se eles não fizessem parte da sociedade e fossem excluídos.

A partir da lógica independentista de “um só povo e uma só nação”, gerou-se a falsa expectativa de que todos os angolanos seriam contemplados na perspectiva nacional. Porém, infelizmente, ocorre muita discriminação a alguns pertencimentos étnicos, como é o caso dos Ovimbundu ao chegar à capital Luanda. A língua umbundu e a variedade do português que os identifica passaram a ser alvo principal de preconceito linguístico. Nessa perspectiva, segundo Marcos Bagno (2002), algumas questões como a classe social e as localidades dos sujeitos tendem a influenciar este tipo de preconceito, credibilizando o mito de que “existe uma forma correta de falar, ou de que a fala de uma região é melhor do que a de outras” (Bagno, 2002, p.75). Diante desta perspectiva de Bagno, infelizmente é comprovado por muitos que existe uma forma certa de falar. Assim sendo, durante o teste de percepção, houve comentários positivos direcionados à influenciadora do segundo vídeo, a falante de Luanda. Com um efeito ilustrativo, seguem-se os comentários destes entrevistados:

JD: “Só pela forma de falar me pareceu completamente resolvida, pronunciava muito bem as palavras, me pareceu que ela teve uma educação completamente moldada, ao saber falar e saber pronunciar.”

CP: “Percebi que tem aí uma inspiração de Portugal, que dá aquele ar mais fino na jovem de Luanda.”

JD: “A segunda achei mais interessante pela forma como ela falou, me cativou bastante, e se me puserem diante dos três para escolher e conversar, com certeza escolheria a do segundo vídeo que me pareceu muito intelectual só pela forma que ela falou.”

Como anteriormente mencionado, Angola é um país multicultural e plurilinguístico. Nesse sentido, as diferentes línguas nacionais conferem elementos próprios de identidade cultural e transmitem seus valores e tradições. Existem mais de vinte línguas nativas faladas no território angolano, dentre elas o kimbundu (segunda língua mais falada), umbundo, kikongo, cuanhama, ganguela, xindonga, chokwe, nhaneca, entre outras. Para melhor compreensão, procuramos apresentar a classificação etnolinguísticos, dos grupos em Angola, a fim de esclarecermos um pouco sobre as línguas nacionais presentes no território angolano:

Quadro 2 - Classificação dos grupos etnolinguísticos de Angola (adaptado por SILVA, 2020)

FAMÍLIA	GRUPO	LÍNGUAS
BANTU	Ovimbundu	Umbundu
	Umbundu	Umbundu, Mbundu, Nano, Ndombe, Nyaneka, Khumbi
	Ambundu	Kimbundu
	Ambo (ndonga)	Kwanyama
	Kimbundu	Kimbundu, Mbundu, Ngola, Mbamba
	Bakongo	Kikongo
	Kikongo	Ndingi, Ndinzi (Cabinda), Mboka (Cabinda), Kongo
	Chokwe-luchazi	Cokwe, Ngangela, Nyemba
	Tucokwe	Cokwe
	Vangangela	Ngangela
	Ovambo	Ovakwanyama
	Ovandonge	Oshindonga
	Ovanyeka-Nkhumbi	Olunyaneka
	Vakwanyama	Kwanyama
	Ovahelelo	Oshihelelo
KHOISAN	Khoisan	Oshihelelo
		Ju
		!ui-taa
		Hõã
		Khoe
		Kwadi
	Vátwa	Vátwa

Fonte: Fernandes e Ntongo (2002); Hodges (2004) *apud* Inverno (2008).

Entretanto, quando se fala em línguas nacionais, muitos a associam com **dialetos**. Por dialeto, o senso comum (advindo da lógica colonial) entende ser uma língua não considerável, de menor prestígio e uma língua não bem falada, ou seja, aquela que não condiz com a gramática). Geralmente, em Angola, portanto, dialeto e línguas nacionais são consideradas sinônimos. Essa perspectiva pode ser observada por meio do teste de percepção, a partir das respostas dos entrevistados de Luanda e do Bengo ao se referirem aos influenciadores Ovimbundu:

CP: “O sotaque recai como a maneira que eles pronunciam os dialetos e tudo mais.”

PV: “uma é influenciada por uma outra língua nacional como dizemos, famosos dialetos.”

4.2 TESTE DE AVALIAÇÃO DE PESSOAS DE PROVÍNCIAS MAIS DISTANTES DA CAPITAL

De forma geral, dois estudantes da UNILAB tiveram avaliações semelhantes demonstradas por meio do teste de percepção e, por isso, suas respostas serão analisadas conjuntamente aqui na subseção 4.2. Trata-se de dois estudantes veteranos, do quarto semestre, sendo um homem e uma mulher das províncias de Cabinda e do Zaire. Desse modo, além da origem desses estudantes, também está em causa o fato de já terem experienciado quatro semestres do currículo com fortes tendências à decolonialidade da UNILAB.

Figura 11 - Zaire e Cabinda em destaque



Fonte: Governo de Angola¹¹

¹¹ Governo de Angola. Disponível em: <https://mat.gov.ao/web/mapa-de-angola>. Acesso em: 10 nov. 2025.

Cabinda e Zaire são consideradas províncias dos povos Bacongos. Ambas têm em comum a língua materna kikongo. São localizadas ao norte do país, sendo que a província de Cabinda conta com uma população de 903.370 habitantes, segundo o INE, referente ao ano de 2024. Essa província apresenta uma área territorial de 7.283 a 7290 km aproximadamente, ao norte fazendo fronteira com a República do Congo, a leste e ao sul da República Democrática do Congo e a oeste pelo oceano Atlântico.

Já o Zaire é a província que contém o monumento mais notável de Angola, o centro histórico de Mbanza Kongo, reconhecido pela UNESCO como património mundial da humanidade (cf. figura 13). Sua área territorial é de 40.130km e sua capital é Mbanza Congo. Segundo o INE, em 2024, a província contava com 682.658 habitantes.

Figura 12 - Vista da cidade de Mbanza Kongo



Fonte: UNESCO¹²

Como resultado dos testes de percepção, os estudantes provenientes das províncias de Cabinda e Zaire terão suas respostas analisadas juntas, em função de suas semelhanças. Diferentemente dos entrevistados da capital e do Bengo, os entrevistados do Zaire e de Cabinda reconhecem que há diferenças nas formas de falar e no sotaque, mas não apresentam julgamento

¹² UNESCO: Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1511/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

de valor depreciativo. Houve até um depoimento focado no conteúdo dos vídeos, achando-os engraçados, sem estabelecer nenhuma preferência quanto aos falantes apresentados no vídeo. Seguem os depoimentos:

DV: Apresentam uma variação, ou seja, são vídeos diferenciados.

DV: Sotaques diferentes, mas falando uma única língua”

DV: Não tenho nenhuma preferência, porque acho que todos falam português. Acho muito normal, não vejo assim me apegando e me desfazendo da outra, né.

É visível que o entrevistado não demonstra nem preconceito, nem discriminação. A sua compreensão é de que ocorrem sotaques e pronúncias diferenciados nos vídeos apresentados, reconhecendo-se, portanto, a variação linguística presente do país, sem demonstrar preferência de falantes ou de que um é melhor do que outro. É importante destacar que este entrevistado tem uma variante do português angolano diferente dos falantes da capital e dos Ovimbundu que são o nosso alvo de estudo.

Ainda abaixo, seguem comentários captados no teste de percepção de uma estudante advinda de Cabinda, a qual é falante de outra variedade do português. Ela também não demonstrou preconceito linguístico e, em momento algum da entrevista, discriminou os Ovimbundu. Pelo contrário ela achou os conteúdos dos vídeos mais engraçados:

DW: “Na verdade achei os vídeos muito engraçados.”

DW: “O terceiro vídeo destaca bastante uma questão social lá de Angola.”

4.3 TESTE DE AVALIAÇÃO DE PESSOAS DE PROVÍNCIAS COMUMENTE HABITADAS POR OVIMBUNDU

Em nosso teste de percepção, dois dos entrevistados eram Ovimbundu, um da província de Benguela e outro da província do Huambo, ambas são localidades no planalto Central de Angola e ficam ao Sul de Luanda, razão pela qual, são chamados de “Sulanos” pelos Luandenses. Segundo o INE (2024), Benguela é maior que Huambo, tendo uma extensão de 39.155,3 km, em comparação com o Huambo, que conta com 33,290 km.

Eles demonstraram percepção e avaliação por nós inesperada, avaliando negativamente pessoas com sotaque semelhante. Acerca do vídeo da influenciadora de Luanda, os dois informantes disseram:

PV: “Um português mais limpo.”

FU: “Pronúncia dela é mais clara, tem percepção muito forte com relação àquilo que tem sido a prática nas instituições de ensino.”

Estamos diante de duas falas que visivelmente aparentam ser resultado de situações vividas ou até mesmo presenciadas. Quando surgem comentários do tipo “*um português limpo*” nos dá entender que existe um *português sujo*. Mas qual é esse português sujo? Das pessoas com pronúncias e sotaques diferentes dos da capital!

Geralmente, muitos Ovimbundu – ou como são chamados os Sulanos –, tendem a desvalorizar ou, até mesmo, a desmerecer a sua forma de falar, por conta da subjugação pelos falantes da capital. Eu já ouvi Ovimbundu dizendo: “meu português é feio, é sujo”. De acordo com Quipuco e Barbosa (2021), a disputa entre as línguas maternas e a língua utilizada na escola pode levar ao fracasso escolar, pois a criança chega à escola com um saber linguístico não reconhecido e os professores não possuem uma formação linguística consistente para lidar com a diversidade linguística.

Quanto ao segundo comentário acima citado, refere-se à comparação de como os Luandenses se expressam diante dos demais povos presentes em Angola. O emprego de palavras e a sua construção frásica assemelham-se ao português de Portugal. Por isso, muitas pessoas de Luanda dizem de boca cheia que falam de forma clara o português e intitulam-se melhores do que os da **província** – assim como é chamado o pessoal que mora no interior do país.

Assim sendo, no que se refere à fala dos influenciadores do primeiro e do terceiro vídeo, os dois entrevistados refletiram sobre o fato de serem falas que se afastam do padrão, conforme os depoimentos que seguem:

PV: Achei bom entre aspas, mas devido a uma variedade linguística e uma é influenciada por uma outra língua nacional, onde a primeira pessoa já denuncia a série do Sul, mais propriamente essa zona do Huambo, Bié indo pra um pouquinho de Benguela.

PV: Já a terceira pessoa usa a fala de uma forma com uma interferência muito grande das línguas nacionais, que me parece alguém ser do norte que normalmente seria da etnia bakongo em companhia.

PV: Minha preferência seria a segunda pessoa que usou o português mais limpo. Essa é a causa, usou o português propriamente dito, mas também não desvalorizando as outras línguas. Entendo porque falam assim desse jeito, devido a influência das nossas línguas nacionais.

Este entrevistado (PV) foi preconceituoso linguisticamente também, mas aqui, entende-se que ele tenta justificar o porquê de ter preferência pelo segundo vídeo (que é o da influenciadora da capital Luanda). Ele reconhece a grande influência das línguas nativas no português falado por este povo, até porque ele mesmo é Ovimbundu e tem um sotaque e uma forma de falar diferente dos Luandenses. Por sua vez, seguem abaixo comentários do segundo entrevistado dos Ovimbundu (FU):

FU: Foram engraçados, mas chamaram atenção, pois percebi que há uma variedade de línguas numa só, ou seja de pronúncias. No primeiro vídeo que eu percebi, refere-se a uma certa região, que abrange muito o sul e pelo sotaque eu pude perceber que refere-se a província do Huambo. Já no segundo vídeo, o português aplica-se muito mais na língua oficial, resultado da colonização. E o terceiro vídeo está relacionado, digamos, a uma província que fica no norte que também fala Umbundo.

FU: Sim, há muita diferença na forma de falar, apesar que o português é o mesmo, mas dá para perceber a mensagem que estes transmitem, mas a maneira de falar é muito diferente. Há outros nem mesmo conseguem empregar as próprias palavras, vão encurtando frases, principalmente a parte sul, eles têm essa tendência de arrastar as palavras no ato da fala.

Diante dos longos comentários dos dois entrevistados Ovimbundu, entendemos que eles conhecem sobre variação linguística, razão pela qual eles trazem uma justificativa nas suas falas quanto aos vídeos apresentados. Entretanto, observa-se que, provavelmente, por se sentirem avaliados em termos linguísticos ao longo de sua trajetória, eles buscam se distanciar dos Ovimbundu em suas análises. Dessa forma, a tendência é a de preferirem a influenciadora luandense, atribuindo méritos a sua fala, em uma tentativa de se assemelharem ao suposto padrão linguístico. Segundo Oushiro (2021) destaca, embora os ouvintes não reajam de forma idêntica a um estímulo linguístico, suas respostas tendem a se distribuir de maneira ordenada. Com isso, apesar da individualidade e da subjetividade das pessoas, há padrões e gostos que podem ser idênticos e analisados. Em suma, é importante considerar que esteve em causa neste teste de percepção a identidade linguística dos falantes, isto é, a forma como se avaliam e como avaliam os influenciadores atesta a forma linguística com a qual desejam se identificar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo intitulado “Teste de percepção sociolinguístico: efeitos sociais causados pela variação do português angolano falado pela etnia Ovimbundu” apresentou a seguinte problemática inicial de pesquisa: “como comprovar a existência do preconceito

inguístico aos sulanos (isto é, a pessoas do grupo étnico Ovimbundu)?”. Assim sendo, ao longo da nossa pesquisa, conseguimos alcançar as respostas dos objetivos propostos inicialmente, e também comprovamos, por meio dos testes de percepção, que o preconceito linguístico aos Ovimbundu realmente ocorre. Desse modo, entendemos que a metodologia adotada foi bastante pertinente aos objetivos estabelecidos, haja vista que esse método adotado pelas pesquisas sociolinguísticas permite a compreensão da avaliação subjetiva dos falantes.

Buscamos compor o teste de percepção com vídeos de uma plataforma digital muito popular entre a juventude, o Tik tok. Nesse sentido, a proposição era a de aproximar os falantes dos vídeos, os influenciadores, à realidade dos estudantes da UNILAB (Campus dos Malês). É também importante salientar que a amostra analisada, ainda que pequena, revelou-se bem representativa, haja vista que contou com duas pessoas da capital Luanda e do Bengo (província vizinha a Luanda), duas pessoas do norte do país (províncias mais distantes da capital, como o Zaire e Cabinda) e duas pessoas de Huambo e Benguela, localidades comumente habitadas pelos Ovimbundu.

Inicialmente, tivemos algumas limitações na pesquisa quanto a questões metodológicas, particularmente, na coleta de dados. Foi um pouco difícil localizar os entrevistados, porque a proposta era entrevistar novatos, recém-chegados à Unilab, mas não conseguimos ter acesso fácil para falar com eles. Ainda assim, por meio de contatos internos, foi possível entrevistar seis novatos. Outras dificuldades apontam para a busca de mapas e sites confiáveis, particularmente acerca do grupo étnico Ovimbundu.

Em suma, os resultados das análises nos levaram à compreensão de que, na mente de muitos luandenses, há um padrão de se falar o português. Esse padrão é compreendido como a única “forma certa de se falar”. Ademais, é associado a esse padrão um sotaque semelhante ao Português de Portugal (PP). Durante os testes de percepção, os resultados apontam ao favoritismo, isso porque os seis entrevistados tiveram preferência pelo segundo vídeo, que é o da influenciadora de Luanda, a capital do país. Essa preferência era seguida por comentários como: “ela fala bem”, “tem um português limpo”, “teve uma educação completamente moldada ao saber falar e pronunciar”, “ela tem um sotaque meio que de Portugal”.

Por sua vez, quanto aos influenciadores Ovimbundu, lhes foi atribuída a característica de baixa escolaridade por causa da forma de falar, diferente dos luandenses. Nesse sentido, apareceram comentários do tipo: “tem debilidade na fala”, “fazem parte de um nível de língua mais baixo”, “é influenciado pelos famosos dialetos”, “eles falam português, mas o sotaque deles, até certo ponto, deixa a desejar”.

É importante salientar que as avaliações não foram idênticas com relação a todos os

entrevistados, muito embora eles tivessem sido submetidos ao mesmo teste de percepção. Duas diferenças fundamentais apareceram: 1) regional, ou seja, a origem dos entrevistados motivou avaliações diferentes no que se refere à fala dos influenciadores; 2) o tempo de permanência na UNILAB, entre veteranos e calouros. Mais especificamente sobre o segundo ponto, observou-se que duas avaliações se mostraram diferentes, por não serem calcadas em preconceito linguístico. Elas foram justamente de um entrevistado do Zaire e uma entrevistada de Cabinda, ambos veteranos. Nesse sentido, as reflexões suscitadas pelo currículo decolonial da UNILAB tem influenciado na forma como se observa dados identitários dos países africanos.

Entendemos que o preconceito aos Ovimbundu surge também por falta de estudos ou ensinamentos das línguas nativas (como o umbundo), as quais precisam ser implementados na educação angolana. Desse modo, se o ensino dessas línguas fosse implementado, levando ao conhecimento coletivo questões fonéticas, sintáticas, pragmáticas e morfológicas, não teria necessariamente a presença do preconceito aos Ovimbundu e aos demais grupos étnicos que também são alvo de discriminação linguística e social, tal como os bakongo e os congoleses (advindos da República Democrática do Congo, país fronteiro a Angola, que residem nesse país). O preconceito linguístico em relação ao português angolano falado pela etnia Ovimbundu tem efeitos profundos nas relações sociais, na autoimagem dos falantes e nas oportunidades que lhes são oferecidas. É fundamental promover uma educação linguística mais inclusiva que valorize e respeite todas as formas de expressão linguística. O reconhecimento da riqueza da diversidade linguística é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

CALDEIRA, Arlindo Manuel. Formação de uma cidade afro-atlântica: Luanda no século XVII. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. v. 5, n. 3, Set. - Dez, 2014. pp. 12 - 39.

CHICUNA, Alexandre. *Amélia mingas: a Mulher, a cidadã, a Académica*. Belas, Luanda Sul, Angola: Mayamba Editora, 2020.

CLIPTO.COM. Disponível em: <https://www.clipto.com/pt/transcribe-audio-video-to-text-free?msclkid=737e40416c9318bdf18d2888d4d4249a> . Acesso em: 16 set. 2025.

GOVERNO DE ANGOLA. Disponível em: <https://mat.gov.ao/web/mapa-de-angola>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GOVERNO DE ANGOLA. Disponível em: <https://mat.gov.ao/web/mapa-de-angola>. Acesso

em: 10 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Resultados definitivos do recenseamento geral da população e habitação 2024. Luanda, Angola: INE, 2025.

INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o Português: uma história sociolinguística. Universidade Pombalina. Coimbra, p. 117-129, 2008. Disponível em: <https://digitalis.dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32154/1/9%20liliana%20inverno.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 7 nov. 2025.

KIALANDA, Kialunda Sozinho. O português de Angola como língua nacional: breves considerações sintáticas. 2020. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria do Rosário; FLORENCIO, Fernando. *O Povo Ovimbundu Angola a partir das coleções da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2025. Disponível em: <https://books.uc.pt/book?book=1451>. Acesso em: 25 set. 2025.

NGOMA, João Domingos. O contributo do grupo ovimbundu na educação dos membros no contexto sociocultural. *Dados de África (s)*, v. 4, n. 07, p. 55-69, 2023.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, 50(1), 2021, p. 318–336.

OVIMBUNDOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024.

PAINTMAPS. Disponível em: <https://paintmaps.com/pt/mapas-em-branco/10/Angola mapa-em-branco>. Acesso em: 10 nov. 2025.

QUIPUCO, Walter Guismão; BARBOSA, Marinalva Vieira. O ensino da língua portuguesa escrita no Pré-Escolar e 1ª classe do Ensino Primário no Sumbe/Angola. *Interfaces da educação*, v. 12, n. 34, p. 487-511, 2021.

SANTOS, Eduardo Ferreira. Aspectos da língua portuguesa em Angola. *PAPIA*, São Paulo, 28(1), p. 25-49, Jan/Jun 2018.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. *O poder de uma Diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*. Alfa, Revista de. Linguísticos, v.58, 2014.

SILVA, Josimar Santana. *Léxico de origem africana no português falado em Luanda*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana., Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 152f., 2021.

UNESCO: Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1511/>. Acesso em: 10 nov. 2025.